

MARINA KAHN

nasceu em São Paulo em 1957. Estudou Ciências Sociais na PUC-SP e trabalhou na Fundação Nacional do Índio (Funai) por mais de uma década. Morou no território dos Ticuna, no Alto Rio Solimões e, depois, no Parque do Xingu. Lá ensinou português e matemática para jovens indígenas e também orientou os professores das aldeias quanto à importância de alfabetizar as crianças em suas línguas maternas – uma forma de garantir a interlocução entre os povos indígenas e as instituições não indígenas. A partir dos anos 1990, juntou-se a ONGs indigenistas empenhadas em comprometer o Estado brasileiro a reconhecer a existência de índios no país e a estabelecer uma legislação que os veja como cidadãos de plenos direitos, sobretudo territoriais e linguísticos. Hoje, afastada do cotidiano das aldeias, presta assessoria a associações indígenas e instituições não indígenas em interação.

APO FOUSEK

nasceu em São Paulo em 1974. É artista plástico multimídia com formação em design gráfico pela Faculdade Senac. Em 2005, fez a primeira mostra individual, apresentando sua trajetória dos cinco aos trinta anos – dos desenhos da infância aos projetos de arte. Desde então, tem feito exposições e participado de coletivas na Argentina, nos Estados Unidos e em países da Europa. É um artista ativista, que explora a relação dos seres humanos com a natureza, a ética com os animais, as práticas de consumo consciente e os modos de vida alternativos. Pela SM ilustrou também *O cometa é um sol que não deu certo*.

Amplo e diversificado, o Brasil indígena vai muito além da cultura tupi. São 234 povos vivendo de norte a sul do país, falantes de cerca de 180 línguas e dialetos distintos, sem contar os grupos que permanecem isolados.

Um universo fascinante, que se revela na variedade dos estilos e técnicas de pintura corporal, nos tipos de festas e cerimônias, como as que envolvem ritos de passagem, no sortimento de artefatos, nas formas de relacionamento com a natureza.

Sem pretender esgotar o inesgotável, este *ABC* introduz aspectos essenciais do modo de vida indígena que, em conjunto, dão uma ideia da diversidade étnica, que vale a pena conhecer e é preciso preservar.



MARINA KAHN
ILUSTRAÇÕES APO FOUSEK

ABC DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL



Este *ABC* faz referência a um conjunto de situações relativas ao modo de vida dos índios cujas terras estão delimitadas no Brasil. Trata-se de um universo amplo e diversificado, composto de 234 povos conhecidos, falando 180 línguas e dialetos diferentes. Portanto, transportá-lo para 26 verbetes não foi tarefa fácil. Isso porque as palavras que remetem ao mundo indígena são, na grande maioria, de origem tupi, o que reforçaria justamente aquilo que tentei evitar: a ideia de que no Brasil todos os índios são tupis – termo que, vale dizer, designa um conjunto de línguas aparentadas entre si, não um povo.

A supremacia da influência tupi em nosso idioma se explica pela história do país, inaugurada com a chegada dos portugueses à zona costeira. À medida que os colonizadores aqui foram se instalando, tiveram de assimilar muitas palavras indígenas, pois quase tudo o que viam – flora e fauna, principalmente – não existia na Europa, ou seja, não havia vocabulário disponível para designar coisas e fatos da nova terra. A solução foi aprenderem com quem sabia e, assim, a língua portuguesa também ficou mais rica. Os demais povos não mereceram atenção e, durante mais de quatrocentos anos, fomos levados a acreditar que os índios faziam parte do passado do Brasil.

Hoje, no entanto, sabemos que isso não é verdade. Nos últimos 35 anos, foi feito um grande trabalho para descobrir onde estão, como pensam e que língua falam os índios que vivem no país. Tomando como base verbetes gerais, este *ABC* fornece um panorama do Brasil indígena e convida o leitor a dar um passeio pela diversidade étnica de nossas fronteiras.

Marina Kahn

Ajuri **7**

Beiju **8**

Corrida de tora **9**

Dabucuri **10**

Esteira **13**

Festa **15**

Guaraná **17**

Huka-huka **18**

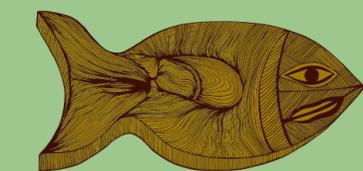
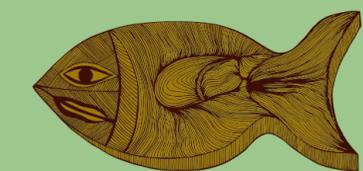
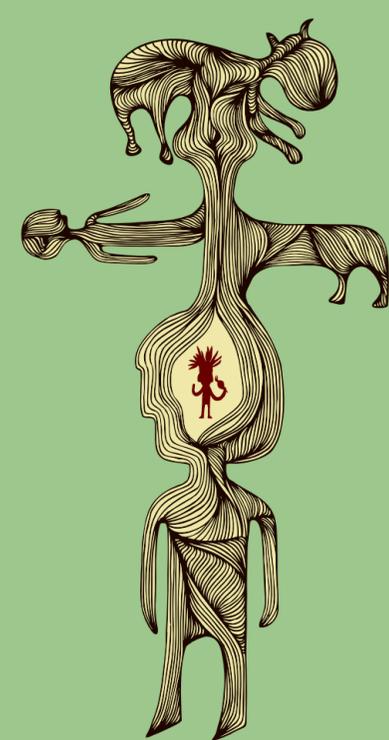
Ipadu **19**

Jenipapo **21**

Kuarup **22**

Língua geral **23**

Mandioca **24**



Nimuendaju **25**

Óleos dos frutos de palmeira **27**

Piracema **29**

Quinhapira **30**

Reclusão **31**

Samaúma **33**

Tererê **35**

Urucum **37**

Varadouro **39**

Wajãpi **41**

Xamã **43**

Yamurikumã **45**

Zarabatana e zagaia **47**



ABC

DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

© Marina Kahn, 2011

© Apo Fousek, 2011

Coordenação editorial **Graziela R.S. Costa Pinto**

Preparação **Marcia Menin**

Revisão **Carla Mello Moreira e Gislane Maria da Silva**

Edição de arte **Leonardo Carvalho**

Projeto gráfico **Paula Astiz**

Diagramação **Leonardo Carvalho**

Produção industrial **Alexander Maeda**

Impressão **Completar nome da gráfica**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kahn, Marina

ABC dos povos indígenas no Brasil/ Marina Kahn; ilustrações Apo Fousek. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2014.

ISBN 978-85-418-0393-9

1. Índios da América do Sul — Brasil — Literatura infantojuvenil
2. Povos indígenas — Brasil I. Fousek, Apo. II. Título.

14-02501

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Brasil : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Povos indígenas : Brasil : Literatura juvenil 028.5

Gráfia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2011

2ª edição 2015

3ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

Edições SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

MARINA KAHN

ILUSTRAÇÕES **APO FOUSEK**

ABC

DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL





Tupi or not tupi, that is the question
Oswald de Andrade

A redescoberta dos povos indígenas no Brasil

Chega dessa história de ocas e tabas, de índios falando tupi, cultuando Tupã e Jaci, vivendo nus na mata e caçando com arco e flecha. Este *ABC*, escrito pela antropóloga e educadora Marina Kahn, vai mostrar outro Brasil indígena. Prepare-se para encontrar coisas novas.

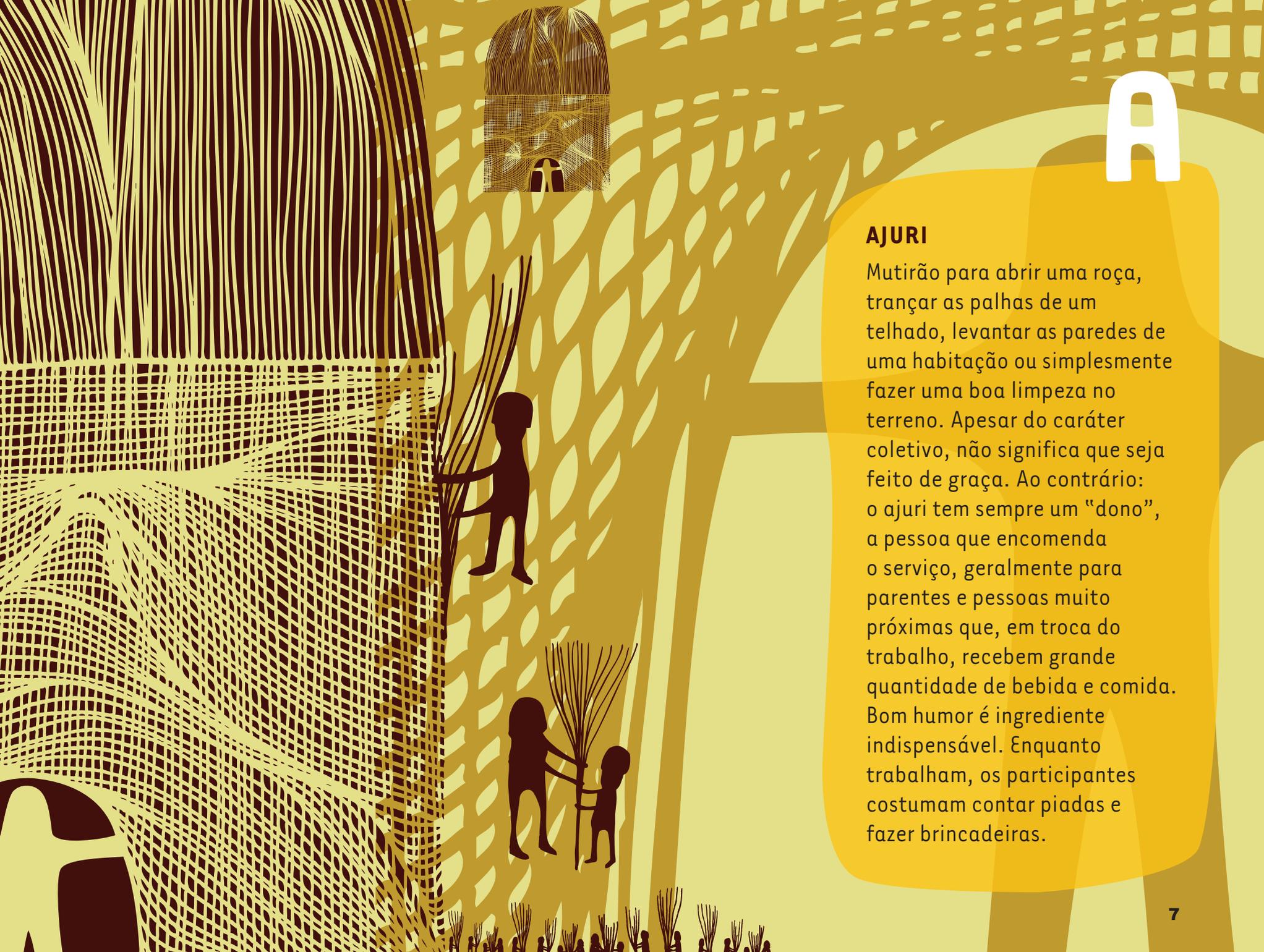
Diversas etnias vivem no Brasil. De norte a sul, de leste a oeste, existem mais de 234, falando cerca de 180 línguas e morando em milhares de aldeias. A população indígena está estimada entre 500 mil e 820 mil indivíduos, incluindo aí os que vivem em terras demarcadas pelo governo, em cidades e também os que permanecem isolados.

Eles já foram muitos mais no passado. Em 1500, quando os portugueses aportaram por aqui, acredita-se que a população indígena chegasse a 6 milhões de indivíduos e que houvesse mais de 1.270 línguas nativas. Passados mais de 500 anos, cerca de 85% dessas línguas sumiram, assim como muitos dos povos que as falavam.

No entanto, engana-se quem pensa que os índios estão se extinguindo. A população indígena tem crescido ano a ano e cada vez mais os povos vêm assumindo sua identidade e lutando por ela, bem como pelas terras e florestas onde vivem e por seus modos de vida. Muitos incorporaram objetos, alimentos e costumes das demais culturas que compõem o Brasil. Alguns estão conectados à internet e conversam em celulares. Quase todas as crianças indígenas frequentam escolas nas aldeias, muitas delas estudando em livros escritos em suas línguas. Mas nem por isso perderam o sentimento de pertencer a uma cultura própria e continuam a praticar seus rituais e festas e a contar histórias que passam de geração em geração. Virando as páginas deste *ABC*, você vai começar a descobrir aspectos de um mundo indígena fascinante e, com certeza, pouco conhecido.

Luís Donisete Benzi Grupioni





A

AJURI

Mutirão para abrir uma roça, trançar as palhas de um telhado, levantar as paredes de uma habitação ou simplesmente fazer uma boa limpeza no terreno. Apesar do caráter coletivo, não significa que seja feito de graça. Ao contrário: o ajuri tem sempre um “dono”, a pessoa que encomenda o serviço, geralmente para parentes e pessoas muito próximas que, em troca do trabalho, recebem grande quantidade de bebida e comida. Bom humor é ingrediente indispensável. Enquanto trabalham, os participantes costumam contar piadas e fazer brincadeiras.

B

BEIJU

Espécie de pão feito de polvilho, com espessura e consistência que variam de acordo com o acompanhamento. Quando fino e crocante, corresponde a nossos biscoitos ou torradas. No uso diário, é mais grosso e costuma ser comido com mingau de carne ou de peixe assado. O que sobra dele é misturado à água fria para se transformar em chibé, um mingau frio, não cozido, muito apreciado para matar a sede. Em geral, no Nordeste o beiju é chamado de tapioca.

